

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 33º Domingo Comum – Ano A

15nov2020

Sofonias 1,14-18; Salmo 76; 1 Tessalonicenses 5,1-11

S. Mateus 25,14-30

<sup>14</sup>«O reino dos céus», continuou Jesus, «é também como um homem que foi fazer uma viagem. Chamou os empregados e encarregou-os de lhe tomarem conta da riqueza. <sup>15</sup>A um entregou quinhentas moedas, a outro duzentas e a outro cem; a cada um segundo as suas capacidades. Depois disto, saiu. <sup>16</sup>Aquele que recebeu as quinhentas moedas foi logo negociar com elas e veio a ganhar outras quinhentas. <sup>17</sup>O que recebeu duzentas moedas fez o mesmo e veio a ganhar outras duzentas. <sup>18</sup>Mas o que recebeu as cem moedas fez um buraco na terra e escondeu lá o dinheiro.

<sup>19</sup>Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e fez contas com eles. <sup>20</sup>Apresentou-se o que tinha recebido as quinhentas moedas que entregou mais quinhentas e disse: “O senhor entregou-me quinhentas moedas. Aqui estão mais quinhentas que eu consegui ganhar.” <sup>21</sup>Disse-lhe o seu senhor: “Muito bem! És um servo bom e fiel. Já que foste fiel nas coisas pequenas, eu te confiarei as grandes. Vem tomar parte na felicidade do teu senhor!” <sup>22</sup>Apresentou-se também o que tinha recebido as duzentas moedas e disse: “O senhor entregou-me duzentas moedas. Aqui estão mais duzentas que eu consegui ganhar.” <sup>23</sup>“Muito bem!”, disse-lhe o seu senhor. “És um empregado bom e fiel. Já que foste fiel nas coisas pequenas, eu te confiarei as grandes. Vem tomar parte na felicidade do teu senhor!” <sup>24</sup>Depois apareceu aquele que tinha recebido as cem moedas e disse: “Eu sabia que o senhor é um homem duro que ceifa onde não semeou e junta onde não espalhou. <sup>25</sup>Por isso, tive medo e fui esconder as cem moedas num buraco. Aqui está o que é seu.” <sup>26</sup>O senhor disse-lhe: “És um mau trabalhador e preguiçoso. Sabias que ceifo onde não semeei e junto onde não espalhei. <sup>27</sup>Então devias ter posto o meu dinheiro a render para que ao regressar recebesse o que era meu com os respetivos juros.” <sup>28</sup>Depois deu estas ordens: “Tirem-lhe as cem moedas e deem-nas ao que recebeu as quinhentas.”

<sup>29</sup>Pois, a todo aquele que tem, mais se lhe há de dar e terá de sobra, mas àquele que não tem, até o pouco lhe será tirado. <sup>30</sup>Quanto a esse servo inútil, ponham-no lá fora, na escuridão. Ali haverá choro e ranger de dentes.»

1. Esta parábola é conhecida como ‘a parábola dos talentos’. Então, enfatiza-se a ‘grandeza’ de Deus na atribuição dos talentos àquelas três pessoas, bem como, a Sua condição de juiz (apetência) para julgar a eficiência laboral de cada um e, em consequência, recompensá-los ou castigá-los em função dos respetivos resultados (ganhos ou perdas). Mas, a imagem que Jesus nos dá de Deus é exatamente contrária: Pai amoroso, acolhedor, compreensivo e de misericórdia sem limites. Parece, portanto, que a chave de interpretação da parábola é outra: a do medo do trabalhador assustado e preguiçoso – «tive medo e fui esconder as cem moedas num buraco». Ou seja, o medo paralisou-o, assustou-o de tal forma que o manietou na sua capacidade de pensar e de agir. O medo impediu-o de arriscar, de negociar o seu dinheiro, de conviver com o imprevisto. O medo tolheu-o de tal forma que fez com que se fechasse em si próprio e não procurasse ajuda para fazer render as cem moedas. Ora, o que Jesus nos quer dizer é que o medo não é compatível com o Reino de Deus.

2. Mas, o medo é um sentimento natural nos seres humanos e, até nos animais, particularmente quando se sentem ameaçados, seja por razões físicas ou psicológicas. Todos nós, uns mais outros menos, fomos já tocados pelo medo em certas circunstâncias da nossa vida. Os próprios discípulos de Jesus foram tomados pelo medo quando O confundiram com um fantasma (S. Mateus 14,26-27); no Monte da Transfiguração perante a nuvem e a voz que se fez ouvir (17, 6); na tarde do primeiro dia da semana, o domingo da Ressurreição, quando se trancaram em casa (S. Lucas 20, 19); as mulheres junto ao túmulo vazio e ao ouvirem a voz do anjo que lhes anunciava a ressurreição (S. Marcos 16, 1-8). Em todas estas situações os intervenientes ouviram de Jesus as palavras “*não temais!*” ou “*Paz seja convosco!*”.

O medo é, por conseguinte, um sentimento que ocorre frequentemente em situações imprevisíveis. Habitados a olhar o ‘presente’ como um dado absoluto e imutável, não nos passa pela cabeça que o ‘futuro’ (o que a todo o tempo acontece) possa ser diferente. Por isso muito nos inquietamos interiormente com a doença inesperada, com o acidente imprevisto (embora façamos contratos de seguro), com a perda do emprego, com a mudança inusitada da vida do presente (como a pandemia em que estamos metidos). Assim nos descobrimos impotentes perante as dinâmicas imprevisíveis dos acontecimentos, passando do que pensávamos ser um futuro garantido, controlado e organizado à medida das nossas ideias e sonhos, para uma vida cheia de dúvidas. Como se diz, somos tomados pelo medo. Ora, o que importa é que perante o imprevisto saibamos conviver com o medo de modo que se não transforme numa doença, numa patologia que pode alterar o nosso equilíbrio psico-emocional, afetando a nossa saúde mental.

3. Hoje, verdadeiramente, com as incidências da 2ª vaga da pandemia que se agravam dia a dia, cresce nas pessoas um sentimento de medo por vir a estar infetadas, pela incerteza do seu futuro mais imediato, por doença e/ou pela eminência do desemprego ou de seus familiares, o que redundará numa insegurança interior que, por sua vez, produz uma profunda instabilidade emocional. Este é um tempo depressivo de muita exigência para o viver quotidiano que afeta a todos, ricos e pobres, jovens e idosos, saudáveis e doentes. Não nos adianta reclamar, protestar, ser contra tudo o que nos contraria, antes, o que nos convém é aceitar a adversidade e tudo fazer para que os obstáculos deste momento se transformem em desafios, procurando respostas em novos olhares e caminhos que nos possibilitem alívio para os problemas e alegria para o dia-a-dia.

O Salmo 37 é perentório: “*Confia no Senhor e põe n’Ele a tua esperança*”, apontando a uma existência centrada na confiança em Deus. Tenho para mim que a confiança é a fé redobrada que gera a esperança. Isto é, confiamos porque ‘sabemos’ que Deus não nos abandonará nos imprevistos da nossa vida. E se assim é, devemos aceitar o imprevisto como parte da nossa existência, procurando o que nele Deus nos quer dizer. Assim poderemos receber do Senhor o que nos dará a paz interior para nos empenharmos, determinarmos e, com persistência, passarmos a ser agentes de transformação das circunstâncias negativas em positivas. Esta é a ambiência do Reino de Deus, a da confiança plena n’Aquele que primeiro confia em nós, que nos possibilita os talentos para partilhar (não para guardar) e ser expressão do Seu amor na relação e cuidado com os outros. Por isso o Apóstolo afirma «*No amor não há medo*» (1 João 4, 18).

+ Fernando

Bispo emérito da Igreja Lusitana